

## ESTUDO ANALÍTICO SOBRE AS PERCEPÇÕES DAS ACADÊMICAS EM RELAÇÃO AOS BENEFÍCIOS E COMPLICAÇÕES DOS ANTICONCEPCIONAIS ORAIS COMBINADOS

Brayan Herculano Salgado<sup>1</sup>  
Flávia Vitória Santos Mageste<sup>2</sup>  
Ariany Aparecida Salgado Brandão de Oliveira<sup>3</sup>

arianybrandao@yahoo.com.br

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

### RESUMO

Este artigo objetiva analisar o conhecimento de mulheres universitárias sobre os benefícios e complicações associados ao uso dos anticoncepcionais orais combinados (AOCs). Tal pesquisa é de caráter bibliográfico, qualitativo e descritivo, utilizando como fontes de dados os periódicos científicos SciELO, PubMed, ResearchGate, Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, assim com a plataforma UpToDate. Evidenciou-se que os AOCs são amplamente utilizados no Brasil, sendo o método contraceptivo mais escolhido por mulheres em idade reprodutiva por apresentarem alta eficácia, praticidade e funções terapêuticas adicionais, como o controle de acne, cólicas e regularização do ciclo menstrual. Porém, seu uso prolongado está associado a efeitos adversos significativos, como tromboembolismo, hipertensão, AVC, além do aumento do risco para câncer de mama e de colo do útero, especialmente em pacientes com predisposição genética. E, os estudos também revelam que parte significativa das jovens que os utilizam não possuem acompanhamento ginecológico regular e desconhecem informações fundamentais sobre os riscos do uso contínuo dos AOCs, o que destaca a necessidade de estratégias de educação em saúde efetivas, promovendo o uso consciente e seguro desses métodos, considerando as especificidades biológicas e sociais de cada usuária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Anticoncepcionais orais combinados; acadêmicas; conhecimento; educação em saúde; saúde da mulher.

### 1 INTRODUÇÃO

O Anticoncepcional Oral Combinado (AOC) é um método contraceptivo amplamente utilizado no Brasil, o qual é disponibilizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), sendo este remédio uma combinação de dois hormônios atuantes na inibição da ovulação, o estrogênio e o progestagênio. Essa medicação altera o muco cervical e o endométrio, dificultando a passagem dos espermatozoides e a implantação do

<sup>1</sup>Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário Univértix.

<sup>2</sup>Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário Univértix.

<sup>3</sup>Enfermeira especialista em UTI adulto, Planejamento e Gestão da Saúde e Docência do Ensino Superior, Professora dos cursos de Enfermagem e Medicina do Centro Universitário Univértix.

óvulo, o que torna os AOCs um dos métodos contraceptivos mais eficazes quando usados corretamente (Nunes *et al.*, 2024)

A contracepção é entendida como o uso de técnicas para prevenir gestações indesejadas e, no contexto brasileiro, os AOCs são um dos principais métodos oferecidos pelo SUS. Assim, a universalização do acesso a esses medicamentos impacta diretamente na saúde pública, ofertando às mulheres controle reprodutivo a baixo custo e proporcionando autonomia feminina na redução de gravidezes não planejadas e suas consequências sociais e econômicas (Almeida & Assis, 2017).

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019, 40,6% das mulheres entre 15 e 49 anos que ainda menstruavam e eram sexualmente ativas nos 12 meses anteriores utilizavam contraceptivos orais. Este dado consolida a pílula como o método contraceptivo mais empregado no Brasil. Outros métodos utilizados em 2019 incluíam a esterilização (22,9% – sendo 17,3% laqueadura tubária e 5,6% vasectomia), o preservativo masculino (20,4%), injeções (9,8%) e DIUs (4,4%) (Souza, 2023).

Apesar dessa ampla adesão, é importante destacar que os AOCs exigem acompanhamento clínico periódico, especialmente para monitoramento de fatores de risco como hipertensão arterial, enxaqueca com aura e histórico familiar de trombose. Nesse sentido, Nunes *et al.* (2024) demonstram que, devido à ampla disponibilidade, acessibilidade, praticidade e reversibilidade, diversas mulheres iniciam o método sem ter plena consciência de todos os aspectos envolvidos (Guedes *et al.*, 2023).

Além de seu papel na contracepção, os anticoncepcionais orais apresentam benefícios terapêuticos adicionais que contribuem para sua aceitação entre usuárias. Dentre eles, destacam-se a regulação do ciclo menstrual, o alívio dos sintomas da tensão pré-menstrual (TPM), a melhora da acne, a redução de cistos ovarianos e o controle da endometriose. Tais fatores ampliam o uso desses medicamentos para fins clínicos, reforçando sua importância na saúde ginecológica das mulheres (Guedes *et al.*, 2023).

Contudo, contrapondo-se a esses benefícios, o uso de anticoncepcionais hormonais também é permeado por riscos, como a possível relação entre seu uso prolongado e o aumento do risco de desenvolvimento de câncer de mama. Como apontado por Guedes *et al.*, (2023), os estudos são inconclusivos e comumente contraditórios, com alguns indicando um pequeno aumento no risco relativo, enquanto

outros não evidenciam associação estatisticamente significativa. Isso reforça a necessidade de uma abordagem cuidadosa e individualizada no momento da prescrição (Almeida & Assis, 2017).

Nesse mesmo contexto, é importante considerar a possível associação entre os hormônios sintéticos presentes nos anticoncepcionais e o crescimento de tumores mamários. Essa relação se dá porque o estrogênio e o progestogênio, em determinados contextos, estimulam a proliferação de células mamárias, o que levanta preocupações sobre o uso prolongado, especialmente em mulheres com histórico pessoal ou familiar de câncer de mama (Almeida & Assis, 2017; Barbosa & Souza, 2022).

Diante disso, a escolha pelo uso de anticoncepcionais hormonais deve ser pautada pelo equilíbrio entre riscos e benefícios, levando em conta as necessidades individuais de cada mulher. É fundamental promover a conscientização sobre todas as implicações do método escolhido, de modo a garantir um uso consciente, seguro e alinhado com os princípios da saúde integral e dos direitos reprodutivos (Barbosa & Souza, 2022).

Nesse cenário, destaca-se que a população que mais utiliza os AOCs são mulheres na faixa dos 18 aos 30 anos, grande parte delas inseridas em ambientes acadêmicos. Muitas optam pelo uso desses medicamentos pela praticidade e pelo baixo custo. No entanto, essas jovens universitárias frequentemente enfrentam dificuldades na adesão contínua ao método devido a rotinas instáveis ou à falta de orientação adequada, o que demonstra a escolha sem supervisão clínica do método contraceptivo (Moraes *et al.*, 2020).

Dessa forma, justifica-se o presente estudo, considerando a crescente adesão ao uso de anticoncepcionais orais combinados (AOCs) entre mulheres em idade reprodutiva, especialmente jovens universitárias. Muitas dessas usuárias não possuem o devido conhecimento sobre os potenciais riscos e benefícios envolvidos em seu uso. Além disso, existem informações importantes sobre a medicação que não são de conhecimento geral, evidenciando a urgência do debate e do aprofundamento do tema, com foco na escolha segura dos métodos contraceptivos (Leocadio *et al.*, 2022).

Portanto, este estudo busca contribuir para o fortalecimento da educação em saúde, promovendo o acesso à informação de qualidade e incentivando o cuidado

centrado nas necessidades e particularidades de cada mulher. Ademais, pretende-se colaborar com os conhecimentos da área da saúde ao evidenciar lacunas e pontos que demandam maior atenção no acompanhamento de pacientes pertencentes a esse grupo estudado.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Os AOCs são considerados como o método contraceptivo mais utilizado no território nacional, assim como uma alternativa clínica para diversas questões de saúde feminina (Santos *et al.*, 2024). Seu uso atua na prevenção da gravidez, melhora na regulação do ciclo menstrual, redução de cólicas, diminuição do fluxo menstrual e clareamento de manchas na pele, como na síndrome da acne (Vleskó *et al.*, 2024).

Consonantemente, Guedes *et al.* (2023) explicita que o uso correto dos AOCs oferece eficácia superior a 97,5%, sendo uma opção muito confiável para a prevenção da gravidez. Além disso, sua administração por via oral diária contribui para que seja popularizado entre as mulheres jovens que buscam maior controle sobre a própria fertilidade e autonomia reprodutiva de forma não invasiva e reversível.

Porém, esses medicamentos exigem acompanhamento clínico periódico, especialmente para monitorar fatores de risco como hipertensão arterial, enxaqueca com aura e histórico familiar de trombose, e, comumente, os efeitos do uso dos AOCs são apresentados de forma genérica, sem o embasamento adequado sobre os riscos e os possíveis efeitos adversos (Santos *et al.*, 2024). Alguns dos efeitos adversos associados ao seu uso são náuseas, cefaleia, alterações de humor, ganho de peso e sensibilidade mamária em casos mais rotineiros. Porém em casos raros, pode-se aumentar o risco de eventos tromboembólicos, principalmente em mulheres fumantes ou com histórico familiar de doenças cardiovasculares, tendo esses dados alta significância clínica (Santos *et al.*, 2024).

Também, inserem que o uso prolongado dos anticoncepcionais orais combinados, principalmente quando não há supervisão clínica, pode desencadear alterações fisiológicas significativas como o desenvolvimento de Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), além de alterações no sistema cardiovascular. Esse uso contínuo pode promover um desequilíbrio na função hepática e na produção de proteínas envolvidas na coagulação, levando a HAS em mulheres saudáveis (Almeida e Assis, 2017; Ribeiro *et al.*, 2018)

Ademais, Coêlho e Sousa (2022) inserem que o uso prolongado destes pode gerar tromboembolismo venoso, já que o estrogênio presente nos AOCs se associa com o aumento dos fatores de coagulação, elevando o risco de eventos trombóticos, como trombose venosa profunda e embolia pulmonar. Tal risco é mais intenso em mulheres com predisposição genética, como mutações no fator V de Leiden, ou em pacientes fumantes, que já apresentam maior propensão à formação de coágulos.

E, tal fato também se liga a maior incidência de Acidente Vascular Cerebral (AVC), visto que o estrogênio da pílula interfere nos mecanismos de coagulação, provocando alterações vasculares que resultam em isquemia cerebral. Também, há o aumento do risco de neoplasias, especialmente de câncer de mama e de colo do útero, em especial nos casos de início precoce do uso, com histórico familiar positivo para câncer e ausência de acompanhamento médico regular. E, a presença contínua de hormônios sintéticos no organismo pode influenciar o crescimento celular em tecidos sensíveis aos hormônios, como o mamário e o cervical (Gonçalves e Gomes, 2019; Dragoman *et al.*, 2018, Iversen *et al.*, 2017).

Ademais, Almeida e Assis (2017) também apontam que podem ocorrer alterações metabólicas decorrentes do uso contínuo de AOCs, a exemplo de aumento da resistência insulínica e alterações nos níveis de colesterol e triglicerídeos. E, essas modificações metabólicas podem contribuir para o desenvolvimento de doenças crônicas, como o diabetes mellitus tipo 2 e doenças cardiovasculares a longo prazo (Lopes, D'ávila & Safatle, 2019).

Outrossim, é importante compreender que a magnitude desses riscos muda a partir do perfil clínico de cada paciente, de maneira que Gonçalves e Gomes (2019) afirmam que mesmo com os riscos o uso de AOCs tende a ser seguro para a maioria das mulheres quando possuem acompanhamento médico e avaliação periódica

Entretanto, dados mostram que uma grande parcela das usuárias de AOCs realizam automedicação e carecem de informações adequadas sobre estes, o que contribui significativamente para a ocorrência de efeitos adversos. Uma grande parcela de mulheres inicia o uso de AOCs sem uma avaliação médica por influência e recomendação informal de pessoas próximas, assim como pelo fácil acesso ao medicamento (Barbosa, Coêlho e Sousa, 2022).

Tal prática exacerba a vulnerabilidade aos efeitos colaterais graves, assim como exposto por Jesus *et al.*, (2018), apresentando que diversas jovens mulheres

iniciam o método sem ter plena consciência de todos os aspectos envolvidos, de maneira que os fatores que impactam na adesão e continuidade do tratamento tendem a serem ignorados e passar despercebidos.

Corroborando com o exposto, um estudo transversal analisou estudos sobre o conhecimento das usuárias sobre os benefícios, efeitos colaterais e possíveis complicações associadas ao uso de AOCs, revelando lacunas na compreensão sobre os possíveis riscos, como trombozes, alterações metabólicas e impacto no humor que o uso dessas medicações traz, enfatizando a presença de um déficit informacional (Nunes *et al.*, 2024).

Leocadio *et al.*, (2022) revela que uma grande parcela das jovens universitárias não realiza acompanhamento ginecológico regular, mesmo uma vida sexual ativa, optando pelo uso dos AOCs sem cuidado especializado e estão desinformadas sobre o uso correto dos métodos contraceptivos. Nesse mesmo sentido, questões importantes como os efeitos colaterais, as contraindicações, o tempo de uso seguro e as interações medicamentosas são desconhecidos por essas usuárias.

Assim, inúmeras mulheres optam pelos AOCs embasadas nas experiências de amigas ou familiares, podendo levar ao uso inadequado do método. Portanto, vale apontar que o ambiente universitário favorece a troca de informações, porém também reforça mitos ou práticas não seguras quanto ao uso de medicações. Fora isso, a facilidade de acesso aos AOCs em farmácias, sem prescrição ou avaliação médica, contribui para a banalização do uso do método (Almeida & Assis, 2017; Barbosa *et al.*, 2022; Leocadio *et al.*, 2022).

Assim, essas mulheres jovens, pela falta de informação, desconhecem a necessidade de pausas, avaliações clínicas ou os sinais de alerta para reações adversas. E, o cenário torna-se ainda mais complicado ao considerar a falta de equidade no acesso a serviços de saúde, o que compromete a avaliação e o acompanhamento das usuárias de AOCs, em especial nos contextos de vulnerabilidade social (Gonçalves & Gomes, 2019).

### **3 METODOLOGIA**

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo de natureza exploratória e descritiva, realizado por meio de uma revisão integrativa da literatura. Essa abordagem metodológica foi escolhida por permitir a reunião e a análise crítica

de estudos com diferentes delineamentos, possibilitando uma compreensão mais ampla e aprofundada sobre o uso de anticoncepcionais orais combinados (AOCs) entre mulheres universitárias.

Portanto, analisar o conhecimento e as experiências de acadêmicas sobre os benefícios e complicações dos AOCs, demandou a análise crítica de dados estatísticos e das representações sociais, do acesso à informação e das condições de escolha relacionadas à saúde reprodutiva.

A busca pelos estudos foi realizada em bases de dados científicas reconhecidas, como SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), PubMed/MEDLINE, Google Acadêmico e na plataforma clínica UpToDate, com o objetivo de garantir o acesso às evidências mais atuais e relevantes sobre o tema. Para a construção da estratégia de busca, foram utilizados descritores combinados em português e inglês, tais como: “anticoncepcionais orais combinados”, “universitárias”, “educação em saúde”, “efeitos adversos”, “uso prolongado” e “planejamento reprodutivo”, além de seus correspondentes em inglês.

Foram estabelecidos critérios de inclusão: (a) estudos quantitativos com delineamento observacional ou experimental; (b) artigos originais ou revisões sistemáticas com dados estatísticos comparáveis; (c) estudos publicados em português ou inglês entre 2017 e 2025; (d) textos completos disponíveis online; (e) amostras compostas por mulheres em idade reprodutiva, preferencialmente universitárias. Para critério de exclusão, foram desconsiderados duplicatas, artigos com foco exclusivo em contraceptivos não hormonais, estudos com amostras clínicas específicas que não contemplassem o recorte universitário, e artigos sem dados estatísticos.

Ademais, a triagem dos artigos se dividiu em duas etapas, sendo que a primeira consistiu da leitura dos títulos e resumos para verificar a relevância dos trabalhos frente aos objetivos da pesquisa, enquanto a segunda foi à leitura completa dos textos selecionados, com vistas à análise crítica do conteúdo, validade científica, metodologia utilizada nos estudos e coerência teórica com o escopo do presente trabalho.

Logo após, os dados obtidos foram organizados em quatro eixos analíticos: (a) nível de informação e percepção das acadêmicas sobre o tema; (b) complicações e

efeitos adversos relacionados ao uso contínuo; (c) riscos associados ao uso prolongado e histórico familiar de doenças; (d) benefícios terapêuticos e não contraceptivos dos AOCs. E, buscando manter a fidedignidade da análise, priorizou-se os estudos de revisão sistemática, metanálises, artigos originais com delineamento metodológico claro e documentos institucionais reconhecidos.

Por fim, cabe enfatizar que a pesquisa respeitou os preceitos éticos acerca da integridade acadêmica, assim como o uso responsável das fontes, com todas as referências devidamente citadas conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023:2018), assegurando a rastreabilidade e a legitimidade do conhecimento científico produzido.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante a pesquisa os resultados obtidos revelam que o uso de anticoncepcionais orais combinados (AOCs) entre mulheres, especialmente no público universitário, exibem uma complexidade de fatores que envolvem o acesso e conhecimento sobre o método até seus efeitos adversos frente a seu uso prolongado.

Consonantemente, Pinto, Rodovalho-Callegari e Carbol (2020) apresentam em sua pesquisa realizada com universitárias de diferentes áreas da saúde, que embora a maioria das participantes reconheça a eficácia dos AOCs na prevenção da gravidez e em benefícios como a regulação do ciclo menstrual, ainda assim existe uma lacuna importante em relação à compreensão acerca dos riscos e efeitos adversos do uso prolongado desses medicamentos.

Nesse estudo, as autoras enfatizam que embora haja o acesso à informação, o qual tende a ser limitado, este apresenta conteúdos informais ou superficiais e compromete a tomada de decisão consciente e segura por parte dessas mulheres (Pinto, Rodovalho-Callegari & Carbol; 2020). Ademais, Nunes *et al.*, (2023) insere que muitas das jovens universitárias não compreendem as possíveis complicações a longo prazo, mesmo utilizando o método regularmente. Na análise dos estudos, foi possível perceber que essas universitárias apresentam uma grande defasagem entre o uso rotineiro dos anticoncepcionais e o real entendimento sobre suas implicações para a saúde.

Nesse mesmo sentido, Santos *et al.*, (2023) e Silva *et al.*, (2022) apresentam de maneira profunda o nível de conhecimento de mulheres universitárias sobre o uso

de contraceptivos orais. No estudo de Santos *et al.*, (2023), observou-se que muitas utilizam anticoncepcionais orais sem pleno conhecimento sobre seu funcionamento, indicações corretas e possíveis riscos. Durante a análise, percebeu-se que a maioria das participantes afirmava saber os efeitos positivos mais comuns mas desconheciam os efeitos adversos e as contraindicações, com poucas demonstrando domínio sobre os efeitos adversos ou as contraindicações clínicas.

Durante essa análise, observou-se uma carência de orientação adequada acerca dos AOCs, o que é complementado por Silva *et al.*, (2022), cujo estudo apresentou que essas acadêmicas possuíam uma compreensão limitada sobre seus efeitos colaterais. Durante a leitura desse estudo, observou-se a partir dos relatos das jovens que a adoção dos anticoncepcionais ocorreu com base nas experiências pessoais ou indicações informais, e não a partir de aconselhamento profissional.

Dessa mesma maneira, o estudo de Sarmiento *et al.*, (2018) insere que as acadêmicas da área da saúde possuem lacunas significativas quanto à percepção de risco e à compreensão dos mecanismos de ação dos AOCs. Assim, corrobora-se com o exposto por Leocadio *et al.*, (2022), cujo estudo permite a compreensão de que parte das acadêmicas utiliza anticoncepcionais hormonais com pouca orientação médica contínua, sem realizar acompanhamento ginecológico regular. Assim, tal uso é irregular e desinformado.

Dessa maneira, perante os dados analisados, observou-se que o desconhecimento sobre os efeitos secundários ou sobre o funcionamento fisiológico desses medicamentos contribui para decisões reprodutivas mal fundamentadas entre essas acadêmicas (Guedes *et al.*, 2023). A ausência de segmento clínico continuado contribui para uma baixa compreensão acerca dos riscos associados em uso prolongado, especialmente entre essas acadêmicas que iniciam o uso na adolescência, para contracepção, controle do ciclo menstrual, acne ou sintomas de tensão pré-menstrual (TPM) (Leocadio *et al.*, 2022).

A gigantesca parte dessas jovens acadêmicas avaliadas nos estudos analisados não realizava consultas ginecológicas anuais, evidenciando uma lacuna no cuidado reprodutivo e preventivo, o que pode contribuir para o agravamento de efeitos adversos não identificados precocemente, dificultando também a orientação sobre alternativas contraceptivas (Leocadio *et al.*, 2022; Moraes *et al.*, 2020).

Quanto aos efeitos colaterais mais relatados, destacaram-se as alterações de humor, náuseas, cefaleias, aumento de peso e diminuição da libido (Leocadio *et al.*, 2022). E também foram observadas complicações graves relacionadas ao seu uso prolongado, a exemplo de tromboembolismo venoso, hipertensão arterial sistêmica (HAS) e acidente vascular cerebral (AVC) (Almeida & Assis; 2017; Barbosa, Coêlho e Sousa, 2022).

Além disso, Gonçalves e Gomes (2019) reforçam a significativa relação entre o uso precoce e prolongado de AOCs e o aumento do risco de câncer de mama e de colo do útero. Portanto, a análise das plataformas de dados, como o UpToDate e periódicos científicos avaliados, reforça que a escolha do método contraceptivo deve ser personalizada, considerando não apenas os efeitos colaterais, mas também os objetivos terapêuticos, condições clínicas da paciente e sua realidade sociocultural.

E, isso enfatiza a necessidade urgente de romper com a lógica da autoprescrição e com a necessidade de adotar práticas baseadas em evidências e individualizadas. Ademais, as mesmas fontes apresentam a existência de uma lacuna na formação educacional das mulheres sobre saúde sexual e reprodutiva, com as universitárias relatando terem aprendido sobre contracepção por meio de colegas ou internet, levando ao uso inadequado e à subestimação dos riscos.

Outro ponto importante é que estes autores inserem que nos usos clínicos para motivos além da contracepção, essas jovens mulheres que talvez não precisariam de uma intervenção hormonal contínua podem recorrer a outras alternativas terapêuticas, priorizando práticas com menos riscos à saúde. Assim, evidencia-se a necessidade de fortalecimento das políticas de planejamento reprodutivo no SUS, com foco na ampliação do acesso à informação, à consulta ginecológica regular e à diversidade de métodos contraceptivos disponíveis.

Nesse sentido, a forte centralização dos anticoncepcionais orais combinados como a única opção viável invisibiliza a heterogeneidade das necessidades femininas, contribuindo para uma medicalização excessiva do corpo da mulher, colocando em risco sua saúde a longo prazo. Assim, essas mulheres necessitam de ter acesso ao conhecimento necessário para tomar decisões informadas e seguras sobre seu corpo e sua saúde reprodutiva.

Assim, durante a análise dos estudos ficou evidente que o sistema de orientação em saúde encontra-se fragilizado, porque existe uma ausência de

consultas ginecológicas frequentes entre universitárias (Leocadio *et al.*, 2022). Estes também revelam que existe uma urgência de políticas públicas mais incisivas em educação sexual e reprodutiva, especialmente em contextos universitários, precisando da oferta de programas de saúde integrados, com orientação ginecológica periódica, oficinas e campanhas sobre os métodos contraceptivos, buscando contribuir para a diminuição dos riscos associados ao uso prolongado e inadequado dos AOCs.

Portanto, infere-se que a educação em saúde assume um papel central, contribuindo para escolhas mais conscientes, seguras e compatíveis com a realidade de cada mulher. E, essas coisas também traz à tona a necessidade de diversificar o acesso a diferentes métodos contraceptivos no Sistema Único de Saúde (SUS), levando em consideração as preferências individuais e os fatores clínicos na escolha de um método contraceptivo e terapêutico.

Destarte, urge-se que a abordagem contraceptiva ultrapasse a dimensão clínica e atinja um nível educacional, incorporando os debates sobre métodos contraceptivos às práticas pedagógicas como estratégia de promoção da saúde da mulher.

Por fim, essa pesquisa revelou uma lacuna gigantesca no acompanhamento longitudinal das usuárias de AOCs, especialmente no recorte etário das jovens adultas acadêmicas. E, isso enfatiza a necessidade de estudos mais amplos e populacionais para avaliar os efeitos do uso contínuo, auxiliando na definição de diretrizes claras de rastreamento e prevenção de possíveis complicações.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa metanálise evidenciou a importância de uma abordagem crítica e individualizada do uso dos AOCs, especialmente em mulheres jovens e universitárias. Embora o método seja amplamente utilizado pela eficácia contraceptiva e praticidade, os riscos associados ao seu uso contínuo evidenciam a necessidade de um acompanhamento ginecológico periódico, demonstrando que a medicalização do corpo feminino deve ser conduzida com precaução, pautada em uma política de saúde pública que priorize o acesso à informação, o acolhimento e o empoderamento feminino sobre sua saúde reprodutiva.

Os dados analisados reforçam que o uso precoce, desinformado ou prolongado de contraceptivos hormonais pode acarretar em impactos fisiológicos e emocionais relevantes, e que a autonomia das mulheres na escolha do método depende diretamente da qualidade das informações e do suporte clínico ao qual elas têm acesso. Assim, torna-se imprescindível um debate sobre contracepção que fortaleça as ações de educação sexual, sobretudo no ambiente acadêmico, combatendo também a baixa frequência de consultas ginecológicas que é um desafio estrutural que agrava essa situação. E, frente aos dados apresentados, é necessário ampliar o acesso à informação sobre os efeitos de longo prazo do uso hormonal, para assim garantir o direito a um planejamento reprodutivo que seja exercido de forma plena, consciente e segura, promovendo saúde e qualidade de vida às mulheres acadêmicas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. P. F.; ASSIS, M. M. **Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais**. Rev. Eletrôn. Atualiza Saúde, Salvador, v. 5, n.5, 2017. Disponível em: <https://atualizarevista.com.br/2017/01/efeitos-colaterais-e-alteracoesfisiologicasrelacionadas-ao-uso-continuo-de-anticoncepcionais-hormonais-orais-v-5-n-5.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2024.

BARBOSA, T.; COELHO, M.; SOUSA, S. **Reações adversas decorrentes do uso prolongado de anticoncepcionais orais**. Research, Society 16 and Development. v.11, n.9, e52111932073, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32073/27373>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CELLARD, A. **A análise documental como técnica de pesquisa qualitativa**. In: POUPART, J. et al. (Orgs.). Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DRAGOMAN, M. V.; *et al.* **A systematic review and meta-analysis of venous thrombosis risk among users of combined oral contraception**. International Journal of Gynaecology and Obstetrics, v. 141, n. 3, p. 287-294, 2018, Revistas USP.

GONÇALVES, B. S.; GOMES, G. de M. **Consequências decorrentes do uso prolongado de Contraceptivos Medicamentosos: Uma Revisão Bibliográfica**. Id on Line. v.13, n. 45, 2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1825>. Acesso em 23 mai. 2025.

GUEDES, I. P. de A.; *et al.* **Relações entre o uso de anticoncepcional hormonal e o desenvolvimento de câncer de mama: controvérsias na literatura**. Revista

Eletrônica Acervo Médico, v. 23, n. 6, p. e12866, 2023. Acesso em 28 de mai. de 2025. Disponível em <https://doi.org/10.25248/reamed.e12866.2023>.

GUEDES, I. P. de A.; *et al.* **Influência dos Anticoncepcionais Oraís Hormonais na Saúde da Mulher**. Revista Brasileira Multidisciplinar, v. 25, n. 1, p. 153-165, 2022. <https://doi.org/10.25061/2527-2675/ReBraM/2022.v25i1.995>.

Haidich, A. B. **Meta-analysis in medical research**. Hippokratia, Thessaloniki, v. 14, supl. 1, p. 29–37, 2010. Disponível em: <https://www.hippokratia.gr/images/PDF/14Sup1/699.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2025.

IVERSEN, L., *et al.* **Lifetime cancer risk and combined oral contraceptives: the Royal College of General Practitioners' Oral Contraception Study**. American Journal of Obstetrics and Gynecology, v. 216, n. 6, p. 580.e1-580.e9, 2017, Revista JRG.

JESUS, N. M. de, JÚNIOR, J. M. S., MORAES, S. D. T. A. **Adolescência e Saúde 4: construindo saberes, unindo forças, consolidando direitos**. Instituto de Saúde: São Paulo; 2018

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEOCADIO, G. DE C.; *et al.* **Informação, acesso e uso de métodos contraceptivos e acompanhamento ginecológico entre universitárias**. Research, Society and Development, v. 11, n. 13, p. e325111335519, 8 out. 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/364286108\\_Informacao\\_acesso\\_e\\_uso\\_de\\_metodos\\_contraceptivos\\_e\\_acompanhamento\\_ginecologico\\_entre\\_universitarias](https://www.researchgate.net/publication/364286108_Informacao_acesso_e_uso_de_metodos_contraceptivos_e_acompanhamento_ginecologico_entre_universitarias). Acesso em: 30 abr. 2025.

LOPES, L. F.; D'ÁVILA, A. M. F. C.; SAFATLE, G. C. B. **O uso da pílula anticoncepcional e as alterações das principais vias metabólicas**. Femina, v. 47, n. 7, p. 426-432, 2019, Revista RSD.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MORAES, L. P.; *et al.* **Análise do perfil das estudantes de uma universidade de Curitiba acerca do uso de métodos contraceptivos**. Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, p. 1 of 13–1 of 13, 28 set. 2020. Disponível em: <https://arquivosmedicos.fcmsantacasasp.edu.br/index.php/AMSCSP/article/view/655>. Acesso em: 30 mar. 2025.

NUNES, Y. de S.; BAIÃO, D. dos S.; SOUSA, J. M. de J.; VIEIRA, L. B.; MIRANDA, A. M. L.; ALMEIDA, L. M. N. de; GNETO, J. C. G. L.; PENHA, J. C. da. **Conhecimento de mulheres sobre benefícios, efeitos secundários e complicações dos anticoncepcionais orais combinados: estudo transversal**. Revista Científica Integrada, [S. l.], v. 7, n. 1, p. e202410, 2024. DOI: 10.59464/2359-4632.2024.3265.

Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/rci/article/view/3265>. Acesso em: 22 mar. 2025.

PINTO, L. F. de A.; RODOVALHO-CALLEGARI, F. V.; CARBOL, M. (2020) — **Conhecimento de universitárias sobre os riscos e benefícios associados aos contraceptivos orais combinados**. Revista de Medicina, 99(5): 423-431. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v99i5p423-431>. Acesso em: 25 jul. 2025.

RIBEIRO, C. C. M., *et al.* **Effects of different hormonal contraceptives in women's blood pressure values**. Revista Brasileira de Enfermagem, v.71, supl. 3, p. 1453-1459, 2018, Revista Contribuições.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LÚCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Á. G. F. dos, *et al.* **Contraceptivos orais e efeitos adversos**: uma revisão da literatura. Contribuciones a las Ciencias Sociales, v. 17, n. 10, e12109, 2024. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.10-445>, Revista Contribuições.

SANTOS, E. P.; BENÍCIO, K. R.; HOTT, R. C.; ONOFRI, L. — **Conhecimento de mulheres universitárias acerca do uso de contraceptivos orais**. Revista Saúde Dos Vales, v. 2, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/rsv/article/view/70>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SARMENTO, M. S. R. A.; *et al.* — **Comportamentos sexuais e o uso de métodos contraceptivos em universitárias da área da saúde**. REME – Revista Mineira de Enfermagem, 2018 Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reme/article/view/49644/39895>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SILVA, C. D. L.; *et al.* — **Avaliação panorâmica do uso de métodos contraceptivos entre estudantes universitárias**. Graduação em Movimento, São Salvador, v. 1, n. 3, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unifc.edu.br/index.php/gdmsaude/article/view/27/145>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SOUZA, Renata. **Pílula anticoncepcional tem maior interesse de busca em 5 anos**; conheça principais métodos. CNN Brasil, São Paulo, 4 nov. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pilula-anticoncepcional-tem-maior-interesse-de-busca-em-5-anos-conheca-principais-metodos/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

VLESKÓ, G., *et al.* **Comparison of Combined Parenteral and Oral Hormonal Contraceptives**: A Systematic Review and Meta-Analysis of Randomized Trials. Journal of Clinical Medicine, v. 13, n. 2, p. 575, 2024. <https://doi.org/10.3390/jcm13020575>, MDPI.